



O futuro do soldado

Retrata este desenho um homem que pede esmola pelas esquinas d'essas ruas, como o mendigo, o mandrião, o vadio, o individuo que nunca trabalhou, que jámais foi util a si e aos seus compatriotas. E, contudo, é um homem que a sociedade classifica na ordem dos cidadãos que lhe tributaram o maior dos sacrificios, o mais penoso que d'elles pôde exigir para a manutenção da sua independencia e segurança interior; o tributo que arranca implacavelmente o homem ao seio carinhoso da familia; que lhe corta a carreira, ás vezes, n'um brilhante desabrochar, e na qual repoisaria um dia a velhice decrepita de pae e mãe; o tributo de sangue, enfim.

Como explicar isto? Commetteu elle algum delicto grave para a dignidade da farda? É algum incorrigivel tão rebelde que, depois de haver sido chibatado, e encerrado inutilmente nas prisões e pateos de correção das fortalezas, foi, como cavallo incuravel lançado, á margem, exautorado das honras militares, e posto na mais plena das liberdades, isto é, no meio da rua, sem a menor condição?

Não. Pelo contrario. Tudo n'elle revela uma victima da dedicação e do esforço exemplar em serviço da patria. Não tem o rosto gasto pelo tempo só. Não o queimou o sol que, apenas, illumina as cidades, e escurece de leve a fronte do pacifico cidadão que gira por essas ruas na orbita do seu modo de vida. Bronzeou-o esse sol feroso que precipita livremente os immensos feixes da sua luz esplendida sobre as montanhas, os prados, e as planicies; esse sol ardente que

abraza os campos das batalhas, o capitolio onde se tecem as cordas que cingem as fronteiras dos grandes triumphos e das grandes glorias nacionais. Tem gravadas no rosto as fadigas excessivas do corpo, e na expressão physionomica as do espirito. Em um revelam-se os estragos phisicos que produzem as marchas longas e forçadas; em a outra o trabalho consumidor da miseria, e a dôr permanente do sentimento desflorado pela negra ingratição.

Se quereis um bom attestado de tudo isto, pedi-lhe que vos mostre a perna que o não deixa andar sem o arrimo de uma vara, e vereis as cicatrizes profundas das balas que o aleijaram. Mas ainda tendes um certificado mais positivo, talvez, porque a patria condecora mui difficilmente os humildes pobres e desprotegidos de todo o empenho. São os habitos que lhe pendem na sua velha e historica fardeta. Quando no peito dos reprobos da fortuna se vê uma ou duas condecorações, é que os seus serviços foram muitos, immensos e mais dignos de milhares de veneras, do que as duzias d'ellas que, em apertada rede, cobrem o peito todo dos poderosos que jámais arriscaram a vida pela patria; que tremem só de ouvirem uma salva; que vivem, crescem e engordam, como o verme dos fructos, á custa da sinceridade e da ignorancia involuntaria do povo, de cujo suor se alimentam, á semilhança d'esse verme. Aquellas duas distincções não manifestam os serviços todos do bravo e patriótico soldado. Accusam uma simples e maliciosa lembrança, occorrida, apenas, pela necessidade de

contentar os estímulos naturaes de um homem ineulto e de humilde esphera que se extremou, com inimitavel patriotismo, no campo da honra e da gloria; e pelo temor dos funestos resultados das inconveniencias que quasi sempre resultam das injustiças immensamente escandalosas.

Por tal arte paga a patria, na mór parte das vezes, aos que em sua defeza sacrificaram a saude, os beneficios da profissão, a commodidade social, os affagos da familia, e o amparo da velhice paternal, no altar sagrado da independencia. A sociedade serve-se d'esses, como dos fructos. Espreme-lhe o succo e deita o resto fóra. Depois de os haver extenuado no serviço da ordem e nas luctas da guerra, manda-os encostar ás esquinas das ruas, para descansarem no ocio da mendicidade. Os desgraçados, persuadidos pela sua ignorancia de que a republica nada mais lhe podia nem devia dar, recolhem-se aos ultimos quarteis, aos quarteis da resignação, com a qual imploram a caridade publica. Os membros do estado passam e repassam desaperecidos por pé d'aquelles vultos que tão distinctamente combateram pela sua segurança e autonomia; e só por uma reparação casual, um ou outro de espirito mais reflexo e piedoso, lhes deita magra moeda de cinco réis, ou dez, quando muito, n'aquelle barrête, que tantas vezes desempenhou os bons officios de almofada, para tornar menos insupportavel a dureza das pedras que, nos acampamentos lhes serviram de travesseiros.

E assim arrastam a inutilisada existencia, até que vão parar aos hospitaes, onde, depois de exalarem o ultimo alento, lhes cortam ainda com o escalpello o que a vida não pôde dar; isto é: os prestimos do cadaver, que são as lições medicas e anatomicas em proveito da synica sciencia e do estudante. Eis como elles desapparecem da superficie da terra. Eis o futuro do soldado.

NOGUEIRA DA SILVA.

POETAS E PROSADORES

I

A litteratura em Portugal, apesar da indifferença com que o publico parece olhal-a, não deixa de ter sempre cultores assíduos e ferventes. É um espectáculo realmente maravilhoso este do ardor com que todos se arrojam á arena olympica, ao passo que os degrãos do amphitheatro estão vãos de espectadores, e que mesmo os pretores da critica, não grado a obrigação que lhes assiste de presencarem a lucta e de darem o premio ao vencedor, raro apparecem na tribuna a pronunciarem a sentença. Eu, que tenho de ha muito o máo costume de ler tudo quanto se me depara, já que me vejo só no logar que é reservado ao publico, já que não vejo apparecer nas cadeiras magistraes aquelles, a quem cabia o encargo de julgarem os competidores, levanto a voz e digo o que penso acerca dos seus esforços.

É effectivamente muito para reparo quanto são pouco lidás em Portugal as produções da nossa litteratura, e em contraposição o grande numero de escriptores que enxameiam n'esta colmeia litteraria. Parece que as abelhas que fabricam o mel da prosa e da poesia expulsam, como zan-

gãos, do cortiço, os leitores, e tratam de desmentir o verso de Virgilio: *Sic vos non vobis mellificastis apes*. Aqui não ha abelha que fabrique o mel e se não console exclusivamente a saboreal-o, e, á força de abundarem os escriptores, succede que são elles mesmos os seus proprios leitores. Lèem-se a sí, e isso lhes basta; é raro mesmo que lancem o rabo do olho para as produções dos collegas.

Portugal, apesar dos seus quatro milhões de habitantes europeus, e das vastas regiões ultramarinas em que a sua lingua se falla, tem ainda assim apenas um pequeno grupo de pessoas que se interessam pelas cousas litterarias; mas n'esse limitado cenaculo não ha, caso incrível, escriptores e leitores, ha escriptores unicamente. Uma leitura não se pôde fazer com impunidade; e paga logo com trinta leituras feitas por aquelles que só se resignaram ao sacrificio de escutar para adquirirem o direito de serem tambem escutados. O epigramma de Bocage nunca podia ter melhor applicação do que na quadra presente.

— Elmano, lê-me os teus versos.

— Melhor sorte me dê Deus!

Tremo d'isso. — E porque tremes?

— Porque pôdes ler-me os teus.

Não se imagine comtudo que só escriptores de má morte se encontram n'essa turba que enverga com enthusiasmo as vestes sacerdotaes no templo da litteratura. Se alguns ha a proposito dos quaes podemos dizer com Boileau

Écrive qui voudra; chacun à ce métier

Peut perdre impunément de l'encre et du papier,

ha outros a quem, pelo modo brilhante como se estreiam, podemos bradar o *Macte puer* de Virgilio.

Dos livros, de que nos propomos agora fazer uma rapida resenba, tem alguns incontestavelmente grande valor; veio-nos uma ampla colheita de fructos e de flores, e havemos de saudar, na prosa e na poesia, outomnos opulentos e primaveras brilhantes e promettedoras.

Começando pelos prosadores, o primeiro nome que nos occorre aos bicos da penna é o de Camillo Castello-Branco, o infatigavel, o mineiro que tressua ha tantos annos na sua abençoada lida, sem que nunca se lhe esgote a fonte d'onde saca parcellas de oiro de lei. Tenho dois romances d'elle em cima da meza; um, publicado pelo *Commercio do Porto*, chama-se *O senhor do paço de Ninães*, o outro, publicado pelo editor Campos, intitula-se a *Bruxa de Monte-Cordova*.

O Senhor do paço de Ninães é uma chronica dos fins do seculo XVI e principios do seculo XVII, quadra que vio o desabar do nosso immenso imperio, e o começo dos nossos infortunios. O heroe de Camillo Castello-Branco, arrojado por desventuras da sua vida intima ao turbilhão dos negocios publicos, assiste como actor ou como espectador ás scenas epicas e tragicas do esmorecer da fortuna portugueza, e ás sce-

nas aviltantes do nosso captivo. Póde-se imaginar o que o estylo do eminente romancista devia aproveitar com os reflexos d'esses grandes quadros, e com que vivissimo colorido os saberia reproduzir. Peregrino que a desgraça impelle, que busca nas terras mais longiquas o balsamo que lhe ha de guarecer as feridas do coração, a magica herba que lhe ha de fazer olvidar as desgraças da sua patria, sem que por fim de contas o coração lhe deixe de verter sangue sem que o seu espirito se recobre do abatimento em que o prostrou a queda do seu paiz, o senhor do paço de Ninães, depois de pelejar como um leão na batalha de Alcacer-Kibir, acompanha em todas as peripécias da sua existencia aventureira o prior do Crato, D. Antonio, vulto sem dignidade nem elevação, mas no qual, pela fatalidade das circumstancias, se consubstanciava então a nacionalidade portugueza; depois, despindo em Paris, junto do tumulto do pretendente, as armas de cavalleiro, abi vae elle percorrer a India, esse theatro da nossa gloria, que passára a ser o theatro da nossa decadencia. Em todos estes quadros o pincel de Camillo é magistral. Citaremos de passagem, para exemplo, o que diz respeito á batalha de Alcacer-Kibir, que o grande romancista chama «batalha expiatoria.»

«Andam em mãos de todos as descripções minuciosas da batalha de Alcacer-Kibir. Os incidentes de tamanho desastre são mais notorios que os triumphos do cyclo aureo das batalhas feridas com mais disciplinado e numero inimigo. Os captivos de 1580 contaram-nos aos filhos, e estes aos netos dos poucos que vieram á patria dar testemunho da mais affrontosa derrota com que a Divina Providencia podia castigar a soberba cega de uns barbaros, que se arregimentavam com a cruz na avançada — a cruz, o guião do amor e da misericordia!

«O dia 4 de agosto de 1578 devia de ser de alegria lá em cima, onde a justiça de Deus é saudada pelas almas boas que d'aqui foram sem nodoa de sangue nem migalha de pão roubado a homens. N'aquelle tempo, seriam muitas as almas portuguezas que podessem saudar a divina justiça fulminante nos arraiaes d'Alcacer-Kibir? Não entro n'esse computo, mas suspeito que não fossem muitas. D. Sebastião, o doido providencial, pagou por D. João III, por D. Manuel, por D. João II, pelo conquistador de Tanger, pelo conquistador de Ceuta. Os centenaes de fidalgos que abi caíram, covarde ou heroicamente, pagaram tambem, porque eram os netos de algozes subalternos. Aquelles homens deviam ver no céu de Africa a imagem do Juiz Supremo muito mais lucida e distincta do que a tinha visto Affonso no céu d'Ourique. Os mais cordatos de certo viram Deus; os cegos, os ardentes e phreneticos matadores, esses, por desventura se finaram blasphemando-o. Tão desamparados dos céos e dos santos, que ninguem vio braço com aza de S. Miguel, nem montante de S. Thiago, nem espada de S. Jorge! Aquillo foi um batalhar todo de ho-

mens, um desastre bem discutido, bem verificado, estreme e liso, depurado e limpo de milagres para poder entrar na historia sincera, sem que os Herculanos hajam de encendral-o no crisol da critica. Desgraça cheia e definida, acerca da qual um qualquer escrevedor de baixa conta póde, sem travor de impiedade, dizer que Portugal, n'aquelle dia, não teve por si nem Deus nem Satanaz. Morreu e nem sequer gloriosamente! A heroicidade d'algumas dezenas de valentes sem chefe nem disciplina, em vez de contrapesarem a pusillanimidade de muitos, comprovam a decadencia, o concerto de traças, até certo ponto providencias e operatorias de tal successo. A valentia, n'aquellas poucas horas da agonia de Portugal, era o escabujar do moribundo, o estorceer-se vigoroso do ethico nas derradeiras vascas. A desesperação matou os mais d'elles, antes que o ferro arabe os cortasse. Os que tinham appellidos e deveres contraídos com as commendas e com a historia tolerante e abjecta morreram de feitio que Jeronymo de Mendonça, e frei Bernardo da Cruz, e frei Manoel dos Santos, e Miguel Leitão d'Andrade, e Bayão podessem dizer: «Venderam caras as vidas.»

A *Bruxa de Monte-Cordova* é romance de menos altas aspirações; mas em cada pagina sente-se o drama, cujas peripecias commovem o leitor. É o romance de frades, e a penna vigorosa de Camillo traça, ás vezes com energia demasiada, as scenas repugnantos que se passavam no interior dos conventos, onde, em vez de se abrigarem a meditação e a piedade, se abrigavam a intriga, a luxuria infrene, e ás más paixões, de cujo imperio, triumphante no seculo, diziam os monges que fugiam para essas Thebaidas sem macerações nem penitencias. Entre as figuras abjectas e vociferantes que o auctor accumula no primeiro plano do seu livro, campeiam alguns vultos desenhados com mais amor por esse primoroso lapis, taes como o de fr. Jacyntho de Deus, e o vulto comico, popular, mas por isso não menos sympathico, da ama do filho d'Angelica. O delirio ascetico, inspirado á pobre amante de Thomaz pelas pregações estultas d'um religioso que invoca o nome de Christo, tendo no coração as maximas dos phariseus, está pintado com mão de mestre pelo romancista.

A phrase é, como sempre, portugueza de lei; parece-me comtudo que em alguns pontos affecta originalidade que prejudica o effeito do pensamento do auctor, e sôa mal a ouvidos costumados a linguagem menos classica talvez, mas de certo mais expressiva. As tintas serão legitimamente nacionaes, mas o pincel, embebendo-se n'ellas, alastra um borrão no sitio onde o pintor queria collocar os cambiantes mais suaves e o colorido mais fino. Tomemos para exemplo o retrato da heroína do romance:

«Angelica Florinda era a tentação dos homens e dos anjos, incluso os seres intermedios do genero humano e dos seraphins: os frades.

«Alta, reforçada, nalgas e espaduas boleadas,

breve cintura separando os tumentes seios das ancas maciças e rotundas, cabellos em ondas lustrosas d'azeviche, as sobrançellas cerradas e indistinctas, olhos pestanudos e piscos, dentes de immaculado esmalte, o beijo superior orlado de um debrum pennugento, e o inferior carnososo, cõr de cravelina. A tez sobre o moreno, com sua zona rosada em cada face. A forma do rosto oblonga, testa escantuda, barba tirante a redonda e fendida a meio levemente no lóbulo.

«Eu não sei se este debuxo dá a perceber os mais donairosos, engraçados e louçãos desasete annos de rapariga do concelho de Cabeceiras de Basto.»

Dá talvez, mas é á quinta leitura, depois de se ter vencido a repugnancia instinctiva que nos inspiram es *debruns pennūgentos*, e de nos termos rodeado pelo menos de meia duzia de dictionarios.

As pupillas do sr. reitor, chronica d'aldeia, por Julio Diniz, eis o titulo modesto d'um romance que pôde vencer a indifferença habitual do nosso publico a ponto de se esgotar em poucos mezes a primeira edição, e de se estar já vendendo segunda. Em Portugal as edições dos authores populares esgotam-se habitualmente em dois ou tres annos, d'onde devemos deduzir que a popularidade portugueza, contra o costume das suas irmãs dos outros paizes, caminha no passo grave e pausado das velhas procições nacionaes.

N'um outro semanario, da mesma indole do *Panorama*, o *Archivo Pittoresco*, referi eu, n'um artigo especial, as impressões que me produzira a leitura d'este formoso livro. O que acima disse vale mais do que todas as analyses para comprovar o merito das *Pupillas*. Entre a lista dos nossos escriptores notaveis conta-se agora o nome do sr. Gomes Coelho, que modestamente se escondera debaixo do pseudonymo de Julio Diniz, pseudonymo já conhecido favoravelmente dos leitores do *Panorama*, por causa d'uma bella poesia *Terça feira*, que foi publicada n'um dos volumes antecedentes d'este periodico.

(Continúa)

M. PINHEIRO CHAGAS.

COROA DE CECENS

I

Eu amo a virgem timida,
de olhos no chão pregados,
que aos ais enamorados
do rouxinol suavissimo
suspira, e vela o rosto
aceso em rubra cõr!
E como eu sinto gosto
de vel-a melancolica,
se a aura travêssa e tepida
às horas do sol-posto
lhe vem falar de amor!

II

Não tremas, não! escuta-me:
o sol, quando dardeja
fogo de amor, e beija
a flor que lhe abre o calice.

deixa-lhe alento e vida,
mas não lhe rouba a cõr!
e quando a luz querida,
á vinda do crepusculo,
se esvai, a rosa languida,
em seu hastil pendida,
almeja sol e amor!...

III

É como o sol o amor que, fêrvido, se aninha
no seio do poeta! — amor mais puro e santo
que as luzes da alvorada e os trilos da avesinha!

Vem sentar-te ao meu lado: has-de escutar meu canto,
has-de palpar meu seio, e ver que os meus cantares
rompem d'um seio igual ao em que sonho ha tanto!

Não tremas, ergue a fronte! intorna os teus olhares
sobre quem ergue a vista á luz que o céu lhe envia;
que ri, se te vê rir; que chora, se chorares!

Inlaga-te ao meu collo! — o olhar que me extasia
ha-de velar-me a vida!... e, quando nos ergamos
lá onde a mão de Deus espalha o eterno dia,
hemos de intrar no céu, como no mundo intramos!

Coimbra, 12 de março, 1868.

CANDIDO DE FIGUEIRETO.

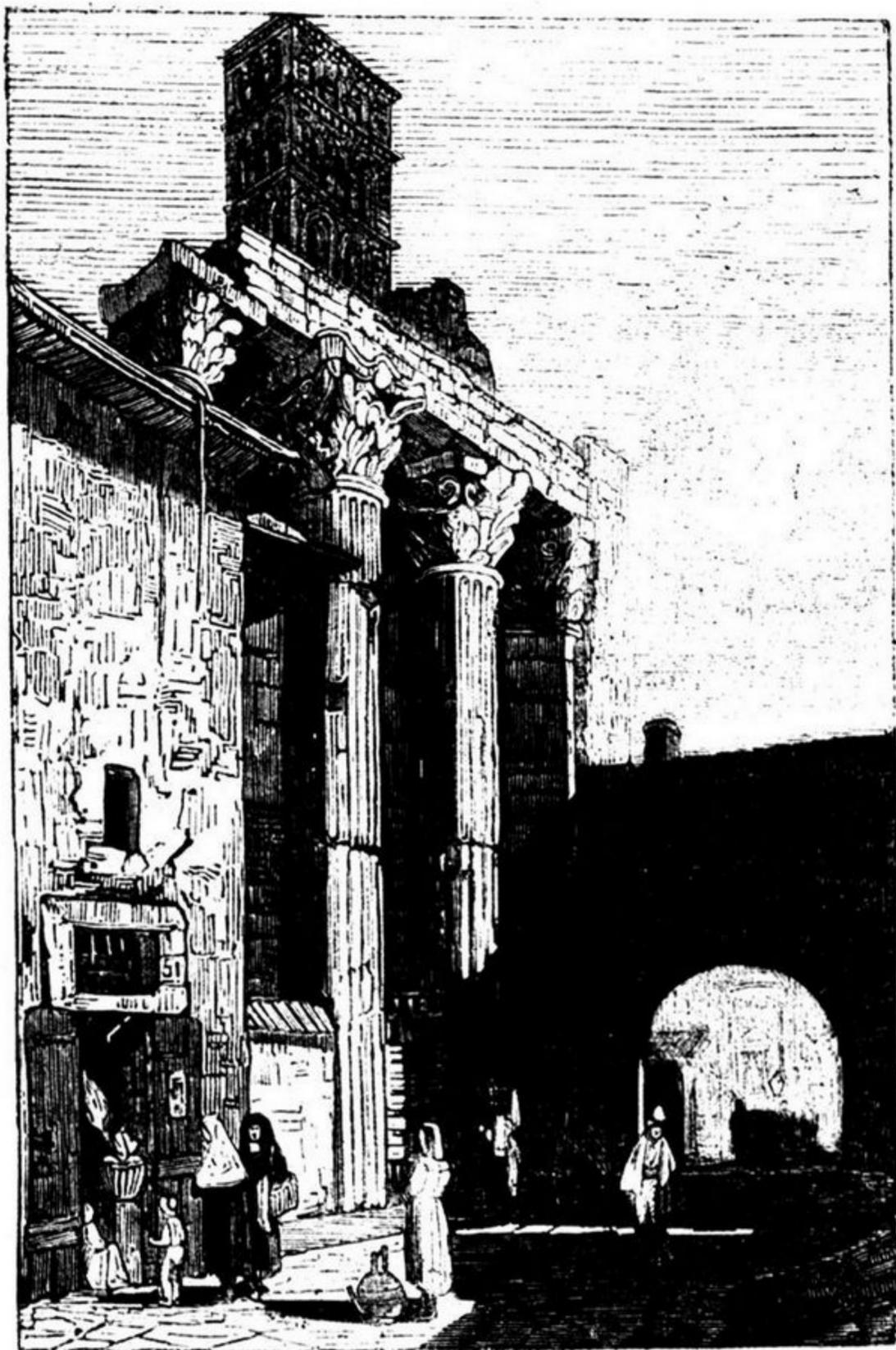
FLORILEGIO CLASSICO

Destimidez de El-Rei D. João II

Nos paços de Santarem, estando el-rei com a rainha na cama, depois de todos repousados, ácerca de meia noite, dormindo já el-rei, bate-ram á porta da camara, onde jasia. Acordando, perguntou quem era, e não lhe-responderam: ficou então inleado, cuidando o que podia ser: dahi a pouco tornaram a bater, e elle se-levantou mui manso, e vestiu um roupão, e tomou uma espada, e uma adarga, e uma tocha accesa na sua mão, e foi muito passo só abrir a porta, e elle depós elle lhe-foi o homem fugindo, abrindo todas as portas até os desvaos dos paços, que é cousa tão carregada, que de dia se carrega qualquer pessoa d'andar só por elles, quanto mais de noite, e a taes horas, e mais havendo ahi suspeita que alli sentia cousa má. A rainha bradou alto, e aos brados lhe-accudiram mulheres, que a grande pressa chamaram os fidalgos da guarda, e monteiros, que logo accudiram todos com armas e tochas accesas, e foram achar só el-rei nos desvaos buscando todos os cantos delles, tão seguro e sem receio. que mais não pôdéra ser, se fõra no meio do dia. E então perante si fez buscar tudo, sem ficar nada, e não se achou cousa alguma: por onde elle, e todos affirmaram ser cousa passada desta vida; e tornou-se el-rei então com todos, fasendo fechar as portas, tão despejado, e o rosto tão seguro e alegre, que todos vinham espantados. Deu boas noites, e tornou-se a lançar na cama com a rainha, como dantes jasia, e não deixou por isso de repousar e dormir.

(*Chronica dos valorosos e insignes feitos d'el-rei Dom João 2.º, de gloriosa memoria, por Garcia de Resende. Cap. LI.*)

As pontes de ferro, suspensas, assemellham-se de longe a teias de aranha estendidas no ar.



Ruínas do templo de Marte em Roma

Os romanos, que tinham fundado sobre a guerra o augmento e o poder do seu imperio, deviam honrar mais particularmente o deus das batalhas, fazendo-o protector da cidade; por isso aquelle povo conquistador deu a Marte o nome de *Pae*, emquanto que os gregos lhe chamavam *Ares*, alludindo aos males que a guerra traz em seguida.

Quando os consules se dispunham a entrar em campanha, iam fazer votos e orar no templo de Marte e tocavam solemnemente na lanca do deus, exclamando: «Vela por nós, oh deus Marte!»

Entre os povos da antiguidade havia alguns que immolavam a Marte não só animaes, mas até victimas humanas. Representavam-no sob a figura de um velho de capacete e armado com uma lanca e escudo, umas vezes nú e sem barba, e outras vezes com vestes fluctuantes. Geralmente estava sentado n'um carro puchado por dois corceis, chamados pelos poetas -- *a fuga e o*

terror: algumas vezes collocavam-lhe no peito uma egide com a cabeça de Medusa.

Os antigos scythas representavam Marte por um velho sabre meio comido pela ferrugem, e os gaulezes adoravam-o muitas vezes sob a fórma de uma espada nua sobre um altar no meio de florestas. Os romanos figuravam-no tambem na attitude de um guerreiro que marcha a largos passos, e davam-lhe então o nome de *Gracivus*, que indicava mais especialmente este deus durante a guerra, emquanto que durante a paz lhe chamavam *Quirinus*. Tinham mesmo templos diferentes dedicados a este deus sob estes dois nomes, uns na cidade, outros nos arredores.

Entre estes templos, o que Augusto dedicou a este deus, depois da batalha de Philippe, sob a denominação de Marte Vingador, passava por ser o mais sumptuoso.

E este templo, já em ruínas, que a nossa gravura representa.

O SEMINARISTA

I

Vizeu é uma das cidades de provincia mais garridas, louças e confortaveis, que ha em Portugal.

Collocada em uma grande limpa, tendo em volta um vasto horisonte, formado de terreno uberrimo e feraz, foi-se a cidade dilatando em ruas numerosas e estreitas, e na casaria ainda hoje mostra a antiguidade e vetustez do seu fozal.

Hoje, que o camartello hyperbolicamente denominado civilizador, vae derruindo sem compaixão todos os monumentos dos antigos e heroicos tempos, sente-se alegrias n'alma quando se entra em Vizeu, e se contempla a vida moderna a bracejar e espanear-se por sob os tectos, que já abrigaram velhos portuguezes.

Ali a recordação do passado, sempre rediviva, longe de lancar Vizeu no torpor, allia-se amavelmente com a actividade e a febre do progresso.

Os vizienses, com serem homens hodiernos, respeitam e presam o passado, e lembram se com ufania dos brios dos seus avós.

Quem acertar de visitar Vizeu, a formosa capital da Beira Alta, a rainha do Dão, a odalisca do Pavia susurrante, a gentil namoradeira que se ensoberbece ao ver-se requestada de longe pelos pincaos abruptos de tres grandes montanhas: o Bussaco, a serra monastica, o Caramulo, a serra escavada, a Estrella, a serra triplicamente fabril, industrial e agricola; quem, repetimos, acertar de visitar Vizeu, a boa e leal cidade, que viu nascer o bom rei D. Duarte, e na qual o genuino beirão concentra todo o seu amor, para logo lhe hade agradar o seu aspecto eminentemente sociavel.

Assentado á meza da hospedaria travará relações de amizade *inter pocula*; aprazer-lhe ha a franqueza e uma certa rudeza de modos e gestos dos indigenas; agradecerá mil provas de delicadeza, a qual, se pôde peccar pela forma, é na essencia extrema de francezismos e mentirosas affectações.

A galhofa, como a praticavam os portuguezes de algum dia, e que muito ganha traduzida no dialecto beirão, contentar-lhe ha a alma.

O caracter vivo, saltitante, energico, accentuado dos vizeenses, que ora transluz n'um sarcasmo chistoso, ora se expande n'uma gargalhada ruidosa, ora se entre-mostra n'um relancear de olhos cheios de malicia de boa tempera; um certo *tic* muito especial de linguagem, a pronuncia algum tanto guttural, o phrasear puro, vernaculo, portuguez de lei; mil cambiantes que se succedem de momento a momento; tudo isto lhe sacode e agita os nervos, tudo isto lhe aguçã as faculdades e dá-lhe nova e intensa vida.

Ao cabo de tres dias, o lisboeta, que vinha acostumado ás eternas semsaborias, ao monotono visinhar do Chiado, ao espevitar e esmenear da platea de S. Carlos ao estúpido patrolhar do Passeio; ao whist absurdo do Gremio; aos biles do Club ou do conde de Penafiel; como que se sente transmudado, e mais á larga, e por um pouco não faz como o *feliz independente*, transporta os penates para Vizeu, vae todas as tardes á *praca*, pela manhã assiste ao render da guarda

principal, á noite joga o voltarete, e durante o dia come vitella de Lafões e bebe vinho do Dão. Exceptua-se a época da *feira franca*, em que tem do dormir na rua, para dar casa aos feirantes.

Assim como o inglez que aos vinte annos foi visitar Napoles, e lá o enterraram, ao pé do Vesuvio, aos oitenta annos, sem que o bom do insular saisse jámais da admiravel Parthenope, comquanto se aprestasse todas as noites a partir irrevogavelmente no dia seguinte; assim tambem o nosso viajante, chegado a Vizeu, se negocios graves e serios o não instam, arrisca-se a augmentar de uma unidade a população da capital da Beira.

A principal feição physiologica de uma terra, por pouco importante que seja, é, sem duvida, a mulher, e se o nosso intuito fosse apresentar a physiologia de Vizeu, escreveriamos um capitulo intitulado de *feminis*, sob pena de incorrer em grave falta, contra a qual todos os *excommunico vobis* seriam poucos. Não haveria castigo para tal delicto.

Assim fallam e escrevem certos phylosophos da moderna escola, para quem não ha impossiveis.

Eu de mim confesso á puridade que das vizienses só lobriguei, a muito custo, e após trabalhos de Hercules, a ponta do nariz, a qual, por ser de inverno, estava de uma rubescencia, que excedia muito a da romã.

Ainda nenhum phylosopho disse que pelo nariz se conhece a mulher. *Ex naso mulier*.

Não julgo que o nariz seja órgão principal da economia feminina, maiormente no inverno e em terra fria e lavada de ares, qual é Vizeu.

Por isso, e porque muito me assusta incorrer no maldição das formosas de Vizeu, direi apenas, que, por informes, dignos de credito e fé, são ellas muito amaveis, lindas, graves, sisudas, serias, compleição nervosa e irrimitavel, bastante languidas, a um tempo alegres e melancolicas, esbeltas, donairosas, carnação rica e potente, rosto alvo, dentes de perola, cinta breve, pé pequeno, arqueado, olhos negros, negros cabellos, seio turgido e arquejante, capazes de paixões romancescas, comquanto muito prudentes, e... vão todos os domingos á missa, embiucadas em enormes, disformes, horridas e anaehronicas mantilhas negras.

Se o leitor quizer saber mais, leve os seu lares para a patria de Grão-Vasco, e entre subrepticamente, e como homem serio, contrario a todos os romancistas deshonestos e malquistos, nos penetraes vizienses, jogue o loto ou a bisca suecca ao serão, queime as botas na brazeira, faça ao mesmo tempo debuxos á ponta da thesoura, e a apothese desbragada e á queima-roupa da supra mencionada mantilha, perante os pais, diga em particular ás meninas da casa as ultimas modas do *Journal des dames et des demoiselles* ou do *Journal des familles*, e após um noviciado de alguns annos, poderá fallar da vida intima das formosuras de Vizeu.

O viajante, que fôr pela primeira vez a Vizeu, e perguntar quaes as curiosidades da terra, para logo lhe nomearão tres: a cava de Viriato, o S. Pedro do Grão-Vasco, e a escada dos Nerys.

Visitar estes tres monumentos é dever imprescriptivel, cujo não cumprimento derruba os melhores credits pelos fundamentos.

Livre-me Deus de fazer agora erudição a propósito das maravilhas de Vizeu.

A corographia do padre Carvalho, as memórias do erudito Berardó, o livro de Lekzinsky, bastavam para eu ostentar sabenças extraordinárias, com que os leitores pouco folgariam.

A sciencia transfusa e diabetica é uma das pragas modernas, muito peor do que todos os gafanhotos do Egypto.

Eur sou um verdadeiro sicambro em coisas de pintura. Sei de cór e salteado immensos nomes de pintores das diversas escolas; mas já uma vez admirei uma téla de Raphael... porque me disseram que era de Raphael.

Vejam lá que iconoclasta e que heresiarcha!

Por isso ninguem me pergunte pelo S. Pedro de Grão-Vasco.

A respeito de antiguidades não sou menos ignorante.

Um monumento runico, um dolmen, um cromlech, um ibis, uma escripta cuneiforme, tudo para mim tem igual significação.

Não belisco a minha modestia se me comparár áquelle rustico almocreve, de que falla um viajante em Portugal.

Perguntou este áquelle:

— Sabes quem era Camões?

— Um homem antigo, respondeu o arreeiro, todo ancho.

— Olha que foi um grande poeta.

— Sim. Um homem antigo.

E não passava d'isto, o bom do recoveiro.

Eu tambem, ao vêr a cava de Viriato, disse, depois de pensar maduramente:

— E' um castro ou circumvallação de terra.

Podera! Como se pudesse ser outra coisa! O antiquario de Walter Scott exorcismava-me em latim da Caledonia.

A escadaria dos Nerys ou do Seminario, de formoso granito, se a memoria me não falha, é admiravel. Os lances, apenas sustentados pelos topos, são de uma elegancia e de um arrojo incomparaveis. Quando a gente chega ao meio, parece que tudo vae desabar, e sobrevem uma especie de vertigem.

Já tinha subido tres ou quatro degrãos, e foi então que o cicerone, (que os ha em toda a parte a apertarem o viajante) olhando fito para mim, exclamou agcitando o engoiado corpo em forma de ponte de admiração:

— Aqui está a escada!

Encolhi os hombros e lembrei-me d'aquell'outro cicerone, que mal chegou a um promontorio das costas do Pacifico travou do braço ao viajante europeu, e apontando para as ondas, bradou convicto:

— Ahi está o mar!

(Continua)

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

OS AUGURES E OS ARUSPICES

Quando o homem de são juizo faz uso da razão, e medita sobre os factos que a historia lhe apresenta, tem difficuldade em acreditar nos extremos de absurdo, a que chegou em diversas épocas, a credulidade humana. Mas, se causa espanto a ignorancia de innumerados seres racionais, excita indignação o ver como os astutos impostores diligenciaram e souberam explorar, sempre, a fecunda mina do embrutecimento das multidões!

Encerremo-nos no assumpto que o titulo d'este

artigo indica, e estudemos com algum desenvolvimento o papel que entre os romanos representaram os *augures* e os *aruspices*, constituídos em corporação collegial para predizer o futuro, nas cousas da paz e da guerra.

Confiando na penetração dos leitores, seremos breve nas considerações philosophicas, e mais de espaço nos occuparemos dos pontos de erudição linguistica e historica. Se a esclarecida e despreoccupada rasão dos nossos tempos condemna as superstições mil das passadas eras, quer ao menos ter cabal conhecimento do que succedia outrora.

— Os povos da Etruria tinham recebido dos gregos, e estes dos chaldeus a arte de adivinhar; e foi assim que os Etruscos a communicaram aos Romanos, os quaes, logo desde o principio de sua organização politica, tiveram um collegio especial de sacerdotes, destinados a interpretar a vontade dos deuses, e a predizer o futuro.

Foi Romulo quem instituiu os *augures*, em numero de tres, correspondente ao das tribus. Crê-se que foi Servio Tullio quem elevou o numero a quatro. Foram desde o começo escolhidos na ordem patricia; mas no anno de Roma de 454 acerescentaram-lhes cinco augures da ordem da plebe; e por fim foram creados quinze augures por Sulla dos quaes o primeiro era o presidente do collegio — *magister collegii*. (1)

Era vitalicio o cargo; assim devia ser, pela natureza das cousas. O officio ou missão do augur mais tinha o character de arte e de sciencia, do que de distincção honorifica; ao passo que não convinha que se vulgarissem as espertezas e segredos d'aquelles exploradores impudentes da credulidade do povo. Tal é a rasão de ser vitalicio o cargo, e ao mesmo tempo de se preencher o collegio, não por meio de nomeações, senão por escolha dos seus membros.

Aos augures competia unicamente a *spectio*, isto é, a inspecção, a observação dos auspicios; não assim, porém, a *nuntiatio*, isto é, o annuncio ou aviso do que tinha sido observado, pois que esta era propriamente da jurisdicção dos magistrados. Eram, porém, tidos os augures em tamanha conta e consideração, que usavam de uma toga especial, *trabea*, tinta de purpura e grã, e d'ahi vinha o chamar-se-lhe *dibaphum*, como Cicero applicava: *purpuram bis tinctam pro ipso auguratu*.

O augur, revestido da toga augural — *trabea* — e coroado de louro, subia a um logar elevado, d'onde pudesse allongar os olhos a um panorama extenso e vasto. Assentando-se encarava fixamente o lado do oriente, e designava com o *lituo* o espaço da terra e do céu, onde pretendia fazer as suas observações. *Lituis* era o cajado de que se serviam os augures para o destino que acabamos de indicar; tinha a fórma de curvo na extremidade superior, e servio mais tarde de modelo para o baculo dos bispos. *Baculo incurvo caeli partem designabat*. A parte do céu que o augur marcava com o *lituo* tinha a denominação

(1) Sigo neste estudo os seguintes escriptos:

— *Rituum qui olim apud Romanos obtinuerunt, succinta explicatio...* a G. H. Nieupoort... Venetiis, 1781.

— *Dictionnaire historique des cultes religieux.*

— *Dictionnaire des antiquités romaines et grecques.*

— *Les marchands de miracles, histoire de la superstition humaine par Alfredo de Caston.*

de *templum*, e este acto era designado pela expressão: *tabernaculum capere*.

Preparava-se então o augur com o sacrificio de uma victimas, depois de endereçar ferventes orações aos deuses. Cobria a cabeça, e cravando fitamente o olhar no ponto do céu que tinha marcado, começava a observar com a mais concentrada attenção quaes aves appareciam, qual o seu vôo, qual o ponto para onde se moviam, qual o seu canto. Os signaes do lado esquerdo eram os felizes, os do lado direito os infaustos; se bem que se encontram em Virgilio e Suetonio indicações em sentido contrario.

As aves que davam occasião aos auspícios pelo canto, tinham a designação de *oscines*; pelo vôo *præpetes*, ou *alites*.

Se os auspícios eram faustos, dizia-se que as aves sentenciavam, *admittiam*: *adolicere et admittere*; se eram infaustos: *refragari*.

Tambem os augures prediziam o futuro pela observação e interpretação dos phenomenos phisicos: *de celo servabant*. Esses phenomenos eram o trovão e o raio: *ex tonitru et fulmine futura prædicebant*. O lugar, onde caía o raio, denominava-se *bidental*, porque ali se faziam sacrificios com a *bidente*, ovelha; e ficava desde logo consagrado á religião, *sacrum*.

Tambem os augures prediziam o futuro por meio da observação dos frangos sagrados. Se os frangos, no acto dos augures lhes darem de comer, se mostravam avidos e sofregos, o agouro era feliz; mas, pelo contrario, era infausto, se os frangos não queriam comer. Chamavam-se *pullarii* os individuos que tinham á sua conta a guarda dos frangos; *auguraculum*, o pateo, ou galinheiro onde os frangos sagrados eram guardados.

Tambem os augures prediziam o futuro por meio da observação dos quadrupedes, e até pela interpretação de cousas, que por acaso succediam no acto dos auspícios. Neste caso as explicações que os augures apresentavam, tinham a designação de commentarios — *commentarii*, e ao auspicio fausto dava-se o nome de *impetratum*, *inauguratum*.

As decisões que os augures proferiam, pelo canto, vôo, etc., das aves, e pelo maior ou menor appetite dos frangos sagrados, tinha propriamente o nome de *auspicia*.

As predicções feitas em virtude da observação dos phenomenos da natureza, eram designadas pela denominação de *auguria*.

No meio do campo dos exercitos romanos estava a tenda do general, *prætorium*; á esquerda o tribunal; e á direita o *augural*, lugar onde os augures faziam as suas predicções. «Quem acreditará, diz um dos escriptores que temos vindo acompanhando: quem acreditará que, por espaço de muitos seculos, nenhum exercito romano se movia sem levar consigo um *pontifex*, alguns augures, e um *pullarius* com a competente gaiola dos frangos sagrados?»

Os *aruspices* foram assim chamados, em rasão da inspecção que faziam das victimas na ara do sacrificio: *a victimis in ara inspiciendis dicti sunt aruspices*. Ha tambem quem pretenda que este nome vinha do vocabulo antigo, que tanto dizia como *hostia*, victimas.

Foi tambem Romulo quem instituiu os *aruspices*,

em numero de tres. Pelo correr dos tempos augmentou-se a corporação collegial; mas nunca os aruspices tiveram tamanha consideração e honra como os augures. No entanto, alguns aruspices, que estavam reunidos em corporação collegial, eram mais considerados; ao passo que os outros, verdadeiramente mercenarios, alugavam o seu serviço a quem quer que o sollicitava.

Tambem dos etruscos passara esta impostura, mais barbara que a dos augures, para os romanos.

O mister dos aruspices era examinar as victimas antes do sacrificio, e depois pela observação das entranhas das victimas, e de outras circumstancias que logo apontaremos.

Os aruspices trajavam um vestido curto, traziam uma corôa de flores na cabeça, e na direita uma faca ponteguda — semelhante ao scalpelo de um medico.

As victimas eram conduzidas ao lugar do sacrificio, cobertas de purpura, e adornadas na cabeça com faxas de variadas côres.

Os aruspices observavam com toda a attenção se as victimas se deixavam conduzir socegadamente, ou se era necessario empregar violencia para se achegarem, — se aguardavam o golpe, ou se buscavam evital-o, — se morriam, apenas feridas, ou se ainda viviam por algum tempo.

Consummado que era o sacrificio, começavam os aruspices a dirigir um olhar perscrutador para as viceras das victimas, examinando escrupulosamente o figado, o coração, o pulmão. Se essas partes não tinham a fórma e a situação ordinarias, se estavam affectadas com alguma ulcera... grandes desgraças iam succeder! Tambem a cerimonia de queimar a victimas fornecia aos aruspices ampla materia de observações: o modo porque a chamma se erguia; o cheiro e o fumo do incenso; o vinho, a farinha, a agua, empregados no sacrificio... tudo era mysterioso, tudo encerrava agouro!

Uma só reflexão.

Alguns romanos mais illustrados zombavam da supposta sciencia dos adivinhadores; mas a maxima porção dos habitantes do imperio tinha fé nas predicções de impudentes embusteiros!

Dissipar-se-hia já de todo a credulidade estúpida, que appella para revelações — estranhas ás leis que o soberano poder de Deus estabeleceu *ab eterno*?

Responderei com as expressões, que ha trinta annos empregava um pensador: «Já passou a moda da astrologia; mas a paixão, a que ella por muito tempo satisfez, está ainda em todo o seu vigor; agora chegou a vez da *buena-dicha*. O que nossos paes viam no céu, buscamos-o hoje n'um jogo de cartas... Os antigos estudavam o futuro nas entranhas das victimas. O vôo de uma ave, o appetite de um frango regularam por muito tempo o destino de Roma e do mundo. Jámais perderá a necedade os seus direitos.»

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

A parca com sua inexhoravel foice acaba de ceifar mais uma vida, plantando em nosso peito a saudade que hoje nos dilata a dôr no coração, legando-nos a perda do sr. Nogueira da Silva, nosso collaborador e gravador, a quem pertence o primeiro artigo e gravura d'este numero. Lamentar esta perda é um dever sagrado que cumpriremos á beira do sepulchro, praticando conjunctos a seus amigos. O seu merito artistico e elevada intelligencia, prescindem dos nossos elogios que julgamos iriam offuscar a sua memoria.

Typ. Franco Portugueza — Rua do Thesouro Velho, 6.